

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

Roque Strieder*
Kelli Negri**

Resumo

O estudo é uma investigação sobre o ser humano e tem como objetivo uma melhor compreensão da pré-disposição para a agressividade. Visa a entender melhor os aspectos da transformação do homínida num ser agressivo maldoso e cruel. A referência fundamental é a antropologia e seus argumentos para explicar como a agressividade voltada para fora – contra outros animais - volta-se contra a própria espécie. As questões investigativas: por que os homínidas se tornaram agressivos? O que a mudança do hábito alimentar, de onívoro para carnívoro assassino, tem a ver com a questão da violência, do ódio e da crueldade? Refletimos sobre as polêmicas vertentes da agressividade, congênita para alguns e cultural para outros. Destacamos como resultados que o Paraíso era um modo de vida baseado na matrística, ou seja, na colaboração e na ajuda mútua e, que a emoção da propriedade é fonte de agressividade. Se a apropriação implica em negar o acesso de outros animais e de outros humanos às fontes de alimento, ela gera concepções de exclusão, instala a desconfiança, a insegurança e cria a emoção da inimizade. A esperança reside em: a) reconhecer a existência de motivações ideológicas nas justificativas de que a essência humana é agressiva e que as relações com outros são competitivas; b) há algo no ser humano que, para muito além das apostas conflitivas, caracteriza-o como ser, desejando a convivência com outros seres humanos: a trilha do amor.

Palavras-chave: Agressividade. Educação. Humanização.

Education and humane aggressiveness: an opened theme! come in!

Abstract

This study investigates the human being and it has as purpose a better comprehension of the pre aptitude for the aggressiveness. It searches to understand better the aspects of transformation of a human being in an aggressive and unkind person. The essential reference is the anthropology and its arguments to explain how the aggressiveness turned out against other animals turn itself against the own species. The investigative questions are: Why have the human beings become aggressive? What relationships does the change of the feed habit, from vegetarian to carnivore assassin have with the question of violence, hate and cruelty? We have thought over the controversial different kinds of aggressiveness, inborn for some people and cultural for others. We showed up as results that the Paradise was a way of life based on “matrística”, that is, it was based on the collaboration, on the mutual help and on the belief that the emotion of property is the source of the aggressiveness. If the appropriation implies in refusing the access of others animals and other humans to the sources of food, it keeps conceptions of exclusion, sets up the mistrust, insecurity and creates the emotion of enemy. The hope lives in: a) recognizing the being of ideological motivation in the justifications that the humane essence is aggressive and, that the relationships with others are competitive; b) there is something in the human being that, beyond the fights, characterizes him as someone who desires the contact with other human beings: “The trail of love”

Keywords: Aggressiveness. Education. Humanization.

* Doutor em Educação pela Unimep/Piracicaba/SP. Professor e pesquisador do programa de mestrado em Educação da Unoesc.

** Acadêmica do Curso de Psicologia da Unoesc – Campus de São Miguel do Oeste/SC.

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

Considerações iniciais

A agressividade é um tema indefinível, porém suas implicações são definíveis. Agressividade, condutas violentas, semblantes de ódio, manifestações de raiva, ações de crueldade, o desejo de fazer mal a alguém fazem parte da epopéia humana. O “instinto” agressivo, a tendência para a prática de atos violentos, a capacidade para a crueldade são manifestações humanas de difícil deslocação. Elas estão presentes em quase todos os momentos do nosso cotidiano.

O presente estudo tem como meta evidenciar alguns desatinos do ser humano e apresentar subsídios para melhor compreensão da pré-disposição para a agressividade. Entender melhor, numa perspectiva antropológica, os pré-supostos para a agressividade, talvez, permita à educação contribuir mais intensamente para minimizar a tendência agressiva, tão estreitamente voltada para a violência, para a maldade e para a crueldade.

Tivemos como questões básicas: por que a espécie homínida tornou-se agressiva? O que tem a ver a mudança do hábito alimentar, de onívoro para carnívoro assassino, com a questão da violência, do ódio e da crueldade? Como entram nisso os mitos do paraíso – Jardim do Éden: alimento ao alcance da mão – e a expulsão e condenação a caçar para alimentar-se? Existe contribuição para a agressividade, violência e ódio, na mudança de concepção sobre a natureza que passou de “Mãe nutriz e benevolente” para uma natureza hostil e ameaçadora?

A relevância do tema da agressividade, quando transformada em violência e em ondas de ódio regadas com requintes de crueldade, comparece renovada em cada momento da história humana. Quando a humanidade sonha pontos de fuga, projeta outras dimensões e formas de relacionamento tem-se a impressão de que a agressividade volta renovada e potencializada. A força de cada uma dessas emergências cria um clima de instabilidade e instiga, de forma contundente, mais uma crise existencial da humanidade.

Quando fechamos o século XX, desejávamos fechar também um milênio de desencontros. Havia muitos sonhos e esperanças de que, ao fecharmos a ambos, também lançaríamos para o passado uma trajetória de guerras mundiais, de campos de concentração, de genocídios e de violências bárbaras, enquanto vicejaria o sonho de um novo século e um novo milênio com um reinado de paz, verdade, justiça e vida. O 11 de setembro de 2001 e conseqüências nos arrancaram desse sonho e trouxeram a realidade da violência como projeto de nosso cotidiano.

Parece que nós seguimos modelos e formas tradicionais de violência e agressão existentes entre os primatas. Foi comprovado por antropólogos que,

quando um grupo de primatas superiores - chimpanzés ou gorilas - começa a sentir falta de alimento, os machos adultos são acometidos de loucura devoradora. Eles engolem todas as bananas e frutas que restam no território do grupo, para, uma vez acabado com todas elas, invadirem o território de seus vizinhos para se tornarem seus senhores por meio da violência. Da mesma forma, diz Russell Banks em “O deus das pequenas coisas”¹ os humanos agem, tornando-se consumidores enlouquecidos como compensação da agressão sofrida. Banks se refere ao 11 de setembro de 2001, os atentados contra o World Trade Center. Sabedores dessa tendência consumista enlouquecida, o Pentágono e dirigentes não assinalaram um caminho alternativo: fizeram propostas consumistas. Ao invés de reorganizarem a economia nacional, para torná-la independente do petróleo do Oriente Médio, lançaram um novo veículo utilitário 4X4 para lazer e planejaram uma invasão no Iraque. Diz Banks: “Nós, seres humanos, somos uma variedade de primatas superiores, e nosso grau de evolução não nos impede de ter um acesso de loucura devoradora. Pelo contrário, a única diferença entre os chimpanzés e nós é que inventamos uma teologia para justificá-la.”

Creemos que a educação pode contribuir para impedir que a agressão entre os seres humanos – denominada de agressão “intra-específica” por Lorenz (2001) -, prejudique seriamente a conservação da espécie, sem, no entanto, deixar de considerar a relevância agressiva, segundo Lorenz (2001), indispensável aos interesses humanos. Se somos seres que precisamos viver em sociedade, por que a natureza não criou condições para nos indispor radicalmente contra a agressão? Ou será que efetivamente e, mesmo sendo seres sociais, ainda assim a agressão é indispensável? Para que serve o ódio entre os diferentes grupos partidários, diferentes grupos religiosos? Será o ódio uma mera invenção simbólica sem nenhuma serventia?

De certa forma, estamos sempre prontos a nos matar uns aos outros numa luta em série e, essa perigosa labareda da agressão só se apaga, muitas vezes, a tempo de evitar o pior. Sabemos que, quando um leão ataca uma gazela, ele é agressivo, mas será que também sente ódio e maldade? Há diferença entre o abate de uma presa e o confronto com um concorrente?

Nosso trabalho é preliminar, procuramos abordar a agressividade num viés antropológico. Distinguir agressividade e violência pode ajudar para melhorar a compreensão do comportamento humano em relação à violência na atualidade. O assunto é muito vasto e envolve conhecimentos relacionados a vários campos científicos, o que nos conscientiza das nossas limitações. A nossa intenção é oferecer subsídios a fim de contribuir com a discussão educacional do tema em questão.

Um cenário primitivo

O cenário primitivo, apresentado nos ambientes escolares, cria imaginários de um homínida em constante situação de ameaça e extinção. As

ameaças são elencadas como adversidades provenientes da própria natureza. Calor forte, frios congelantes, vendavais, enchentes, trovões e relâmpagos. Esse cenário torna-se aliado para a concepção de uma natureza hostil, povoada por feras.

O resultado é a concepção de que os ancestrais homínidas viviam num verdadeiro ambiente de terror. Se não morriam de fome ou de frio, eram ameaçados por feras impiedosas. Pouco resultava aos homínidas a não ser um modo de vida que exigia precaução, medo e vigilância constante. Nas montanhas, nas planícies e mesmo no interior das cavernas, todo o espaço era habitado por feras. Os primeiros humanos estariam condenados ao sofrimento cotidiano e eram vítimas constantes de feras ou de intempéries da natureza. Junta-se a esse cenário hostil de natureza, a dificuldade da obtenção de alimentos. Vagando nesse cenário sinistro, ameaçados pelo frio e pela fome, a vivência cotidiana se reduz a errantes caminhadas cercadas de ameaça e procura por alimento. Reduzido em seu potencial físico, diante do porte austero dos grandes animais, o hominídeo tinha grandes dificuldades para abater alguma presa.

No desejo de se manterem vivos, os primeiros humanos experimentaram gradativamente um novo modo de vida. Diante da decisão, entre viver fugindo ou tornar-se capaz de fazer frente à natureza hostil e às feras, a opção foi lutar para se manterem vivos. Começam a descobrir e criar meios de defesa, confeccionar utensílios, dominar o fogo, construir abrigos, viver em grupos e fabricar peças de vestuário. Utilizando instrumentos puderam defender-se, dominar e domesticar as feras, dominar o frio e a fome. Um modo de vida que é entusiasticamente festejado, como cita Stcoczowski (1999, p. 19): “Os homens não possuíam patas poderosas, garras nem dentes tão fortes como os das grandes feras. Mas o utensílio era mais duro do que os dentes e as garras, e um golpe de maça mais poderoso do que o golpe da pata de um urso.”

Fabricar instrumentos de defesa e de ataque encontra justificativa diante da exposição humana ao ataque de animais ferozes e da natureza que lhe recusou as armas, tais como garras, dentes afiados, pele dura e resistente, musculatura de corrida, coisas de que outros animais estavam providos. O domínio do fogo oferece calor durante os dias frios e defesa diante dos grandes carnívoros. O meio natural hostil, povoado de feras, é a causa, o motivo e a explicação da invenção dos instrumentos.

Também a vida em grupo encontra explicação na natureza violenta e na fragilidade física do humano. Somente o viver em grupos e a cooperação de vários homens teria sido capaz da defesa diante do ataque dos animais e, ao mesmo tempo, permitida a obtenção de alimentos.

De forma similar, explica-se a origem das crenças religiosas. Para enfrentar o temor diante da natureza hostil, cujas causas naturais lhe eram incompreensíveis, os seres humanos lhe atribuíam poderes misteriosos e

sobrenaturais. Conciliar-se com essas forças fomentava a crença de amenizar as fúrias.

Essa visão de nossas origens testemunha que nossos antepassados viviam numa natureza hostil e violenta, cercados por animais agressivos e violentos. Ela repassa uma ótica de condições miseráveis para os ancestrais primitivos. É uma cultura de gênese pragmática, gerada por uma necessidade elementar de combate contra as feras. A imagem de um ser humano fragilizado e de uma natureza hostil é uma 'explicação' sobre a origem da vida humana, cujo cotidiano era dedicado inteiramente à luta pela sobrevivência.

É o determinismo do meio que molda o comportamento do homínida, e esse nada mais é do que uma simples consequência do ambiente em que habita. Tudo o que é realizado pelo homínida é expressão das necessidades elementares e uma predestinação para fins práticos.

Uma justificativa baseada na satisfação de necessidades materiais está bem longe do campo da espiritualidade. A cultura é, então, resultado do medo, da fome e do frio. Uma cultura que não destina ao ser humano a capacidade do empreendimento, a capacidade da inventividade e do espírito criativo.

A visão de pré-história, construída com a colaboração de arqueólogos, em quase nada muda quando filósofos levantam conjecturas sobre as nossas origens, sobre a origem dos utensílios, dos instrumentos de combate, sobre a necessidade da vivência em grupos e o porquê de crenças religiosas. Para Voltaire (Apud, STCOCZKOWSKI, 1999, p. 26), a natureza hostil era habitada por "feras carnívoras [...] que deviam cobrir a terra e devorar uma parte da espécie humana." Helvétius (apud, STCOCZKOWSKI, 1999, p. 27), na tentativa de justificar a vivência em grupos, afirma que: "os homens unem-se contra os animais, seus inimigos comuns." De forma similar, Boulanger (apud, STCOCZKOWSKI, 1999, p. 28), parte do princípio de que a opressão original do homem explica as crenças religiosas. Crenças religiosas somente se justificam porque a vida de nossos antepassados é uma vida de infortúnios. "Se o homem tivesse sido feliz, não teria tido qualquer motivo para mergulhar assim na tristeza, o seu culto não teria sido se não um culto de júbilo, de louvores, de reconhecimento pelos benefícios da natureza e de admiração pelas obras do Criador".

Para o poeta romano Lucrécio (apud, STCOCZKOWSKI, 1999, p. 28), a existência dos primeiros humanos é também descrita como cheia de infortúnios.

O que inquietava muito pelo contrário esses desafortunados eram os ataques das feras, que tornavam o seu sono repleto de perigos. Expulsos das suas moradas, eles tinham que fugir dos seus abrigos de pedra à chegada de um javali enraivecido ou de um leão cheio de forças [...] Era no meio de ramagens que abrigavam os seus membros rudes e sujos, a fim de

evitar os golpes dos ventos e das chuvas.

Estas citações e outras tantas trazidas por Stoczkowski (1999) confirmam a imagem de um ser humano fraco, vivendo em meio a uma natureza hostil. A luta pela sobrevivência era a motivação maior do viver dos primeiros humanos. A cultura nada mais é do que o instrumento e a consequência desse combate. A existência é determinada pelo material e não pela consciência, já que todo o tempo era dedicado à procura de alimentos e para a defesa. Tudo o que era feito pelos humanos, era feito por uma questão de necessidade prática e utilitarista. A necessidade, como muitas vezes argumenta o senso comum, é a mãe da inovação, e as dificuldades encontradas são a sua fonte. Os utensílios são extensões das garras e das presas, a vida em grupo é proposta para melhorar o resultado econômico, e a religião é o meio para combater o medo e a incerteza. A cultura satisfaz necessidades individuais, já que é o indivíduo que sente fome, frio e medo. “A dimensão social da cultura é assim cuidadosamente apagada” (STCOCZKOWSKI, 1999, p. 32). Esse tipo de imaginário, que encontra no determinismo ambiental e no materialismo o seu sustento, elimina da humanidade “a visão antropológica do pensamento que se crê indeterminado e imprevisível, enquanto os pressupostos do utilitarismo e do individualismo expulsam a participação [...] das convenções sociais”, afirma Stoczkowski (1999, p. 32).

Mas, afinal, qual a origem da concepção de natureza hostil, e por que razão o ser humano é tão frágil diante de outros animais? Para refletir sobre essa questão, é necessário devotar uma atenção aos mitos que tentam explicar a origem dos tempos.

Mitos: do paraíso à natureza hostil

Entre tantas outras definições, os mitos narram um acontecimento primordial. Referem-se àquele acontecimento que teve lugar no início dos tempos e relatam como as “coisas” tiveram existência.

Os mitos podem ajudar no esclarecimento da proveniência das visões de natureza hostil e de um humano fraco e sofredor. As divergências no quadro existencial do homínida descrevem uma inversão das características paradisíacas: aqui, alimento abundante, ali, fome; aqui, felicidade, ali, infelicidade; aqui, natureza hospitaleira e aliança com os animais, ali, natureza implacável e luta perpétua contra os animais ferozes; aqui, um homem poderoso, senhor da natureza, ali, um ser fraco que a natureza aterroriza.

Muitos mitos, existentes no mundo ocidental, relatam o surgimento dos seres humanos num contexto de mundo paradisíaco em perfeito equilíbrio e sem agressividade. Uma época em que a natureza era benevolente aos seres humanos e aos demais seres vivos. O signo de Virgem (2005) apela ao paraíso e afirma: “Na Idade do Ouro, quando a Primavera era eterna e os homens viviam

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

em harmonia com os deuses, Astréia, filha de Júpiter e Têmis, vivia na Terra entre os humanos, difundindo sentimentos de bondade, aconselhando-os e dando-lhes noções de leis e justiça.”

Ovídio escreveu em forma de poema: “A primavera era eterna, os plácidos zéfiros acariciavam com os seus sopros tépidos as flores nascidas sem sementes.” A natureza oferecia os seus frutos a todos os seres vivos. Nem os animais e nem os humanos tinham necessidade de matar para se alimentar. Continua Ovídio: “A própria terra [...] livre de todo o constrangimento, poupada pelos dentes da enxada, ignorando os golpes do arado, dava, sem ser solicitada, todos os seus frutos [...] era o tempo em que corriam rios de leite, rios de néctar, em que o mel dourado vertia, gota a gota, do carrasqueiro.”

No livro do Gênesis (1990, I: 29/30):

E Deus disse: Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês. E para todas as feras, para todas as aves do céu e para todos os seres que rastejam sobre a terra e nos quais há respiração de vida, eu dou a relva como alimento.

Esse estado inicial, quase de plena perfeição, hospitaleiro e de abundância, teria permitido ao homínida uma existência tranqüila, assim descrita por Delamétherie (apud STCOCZKOWSKI, 1999, p. 79).

Este homem original tinha um grande número de privilégios. Habitando um solo generoso, gozava sobre ele uma temperatura sempre agradável. Este solo oferecia-lhe alimento em abundância; não tinha nem penas nem fadigas. O tédio nunca o atingia; divertia-se com os seus semelhantes. Os seus dias corriam com calma e serenidade e não eram alterados por nenhuma doença. E chegava ao fim dos seus dias sem o prever.

Muitas críticas foram dirigidas ao humano primitivo. Habitando no paraíso, tornou-se indolente e sem iniciativa, pois a não inserção em um ambiente repleto de obstáculos não teria tornado possível a cultura.

Hannah Arendt (1994), em referência à tradicional associação entre a violência e a revolução na fabricação de instrumentos observa que, uma vez que a violência, distinta do poder, sempre necessita de implementos, a revolução da tecnologia, uma revolução da fabricação de instrumentos, foi especialmente notada nas guerras.

Outra hipótese conjectura que o homínideo, ao abandonar a vivência por entre as árvores, devido a escassez de florestas e de frutos, passa a adotar

como habitat o solo das savanas. Lá, privado do alimento vegetariano teve que aprender a obter a alimentação a partir da caça, transformando-se num carnívoro caçador (MORRIS, 2001).

Entende-se, assim, que da condição de vivência pacífica e sem agressão, enquanto o habitat era a floresta, o homínideo torna-se um agressor violento. A natureza, antes concebida como mãe providente, comparece como agressiva e violenta, uma espécie de arena onde se desenrolam competições e lutas sangrentas. Os temas míticos também trazem essas conjecturas: vivíamos inclusos num paraíso e éramos vegetarianos. A abundância da natureza gratificava a todos os seres vivos, tornando desnecessária a brutalidade de matanças para se viver. Existia uma convivência harmônica - sem lutas ferozes - entre homínideos e demais animais. A descida das árvores ou a saída do Jardim do Éden significa o fim dessa harmonia. Nas savanas e, na condição de caçador, o homínideo torna-se sanguinário.

Agressão “intra-específica”

Em várias espécies de seres vivos, a agressão, em relação aos próprios congêneres, é muito maior do que com relação a outras espécies. Se olharmos bem em nossa volta, perceberemos que nossos predadores já não são os grandes e aguçados assassinos das savanas. Exterminamos o lobo e o urso e agora somos o nosso próprio inimigo, somos o *Homo homini lupus*. Possuidor da bomba H – um produto de nossa inteligência – carregamos no coração o instinto agressivo herdado dos homínidas numa ameaça potencializada diante da qual, em princípio, não resta uma longa vida para a humanidade.

No mundo comportamental de inúmeros animais não é difícil perceber a existência de inibidores de violência e de agressão como forma de impedir o ferimento ou a morte de semelhantes. Para Lorenz (2001), a evolução produziu uma ritualização da luta de modo que pudesse produzir vantagens biológicas sem causar ferimentos mortais. Entre as espécies animais com alta capacidade de ataque, que têm de cooperar para fins de reprodução e de caça, existe a necessidade dos mecanismos de inibição. As atitudes de apaziguamento fazem o agressor interromper os ataques. São gestos de concessão ou de submissão ritual por meio do qual um animal pode inibir a agressão da parte de outro. Um lobo, com uma dentada, pode abrir a veia jugular de outro, um urubu pode, numa bicada, arrancar o olho de outro urubu. Sem a existência de inibidores, a natureza já estaria desprovida de lobos, urubus e tantas outras espécies.

Em outros seres como os pombos, os coelhos, não é possível infringir a morte a partir de um só golpe. Se olharmos o *Homo sapiens* (MORRIS, 2001), verificamos que ele não é um carnívoro. Ele não é um assassino profissional, ele é muito mais e, naturalmente, um onívoro. Morris conclui que o ser humano está desprovido das ferramentas dos demais grandes assassinos – carnívoros – e isso não lhe permitiu desenvolver alternativas inibidoras que permitem aos

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

carnívoros evitar a matança de integrantes de sua própria espécie, como afirma Lorenz (2001, p. 272):

Na pré-história do homem, não existiu, portanto, nenhuma pressão da selecção que tivesse produzido um mecanismo inibitório que impedisse o assassinio dos congêneres até ao momento em que, de repente, a invenção de armas artificiais perturbou o equilíbrio entre as possibilidades de matar e as inibições sociais.

O espírito da bondade humana liga-se a um modo de vida na qual a base alimentar era de frutas e brotos. A condição de caçador e, conseqüentemente de carnívoro, torna-o agressivo e sedento de sangue. Tendo sujado as mãos com o sangue dos animais, suas primeiras vítimas, o homínida desencadeou/desenvolveu uma demência homicida. Nesse momento, ele abandona a sua condição natural para a afabilidade e assume o carácter de carnívoro e assassino.

Pope (apud STOCZKOWSKI, 1999, p. 93) se manifesta diante dessa radical revolução:

Oh, como é diferente o Homem dos tempos que devem seguir-se! Surdo aos lamentos da natureza, de que é inimigo, ele é carrasco e túmulo de metade do que vive, assassino dos outros seres e traidor de si mesmo. Justas doenças nascem do seu excesso; e as mortes que o saciam vingam o que ele imolou. As paixões furiosas nasceram destas primeiras carnificinas e atraíram contra o Homem um animal mais feroz, o próprio Homem.

Para Lorenz, nos combates entre espécies diferentes, a função de preservação da espécie é muito mais evidente do que nos combates entre as mesmas espécies. Ele se questiona sobre qual a função específica da agressão na preservação da espécie. Sobre o assassinio dos congêneres ele escreve:

Creio [...] que o homem civilizado de hoje sofre em geral da incapacidade de ab-reagir às suas pulsões de agressão. É mais que provável que os *efeitos nocivos das pulsões agressivas* do homem, que Freud queria explicar por uma pulsão de morte específica, provenham muito simplesmente do facto de que a pressão da selecção intra-específica fez evoluir no homem, na mais recuada das épocas, uma quantidade de pulsões agressivas para as quais ele não encontra escape adequado na sociedade actual (2001, p. 274).

A agressividade do homínida continua presente e penetra o *Homo sapiens sapiens* até a sua medula. Para Lorenz, a agressão descreve padrões

de comportamento agressivo em muitas espécies animais e, mais especificamente, apresenta um diagnóstico dos problemas humanos oriundos de nossas tendências agressivas, supostamente inatas. O comportamento agressivo, na opinião de Lorenz, acha-se sujeito às mesmas leis do comportamento animal, e será pior para a humanidade se não o reconhecermos. Resta saber se esta agressividade, que hoje se volta contra si mesmo, resulta da agressividade contra inimigos exteriores ou se ela é resultado de uma luta seletiva travada dentro da própria espécie (LORENZ, 2001). Efeitos de uma agressão seletiva interna ou contra forças exteriores, os resultados nefastos de sua continuidade podem ameaçar o objetivo esperado. Se o fator seletivo foram as guerras entre tribos vizinhas, que se enfrentavam violentamente, então é lícito pensar que as virtudes guerreiras se sobressaíam, conservaram-se e podem ser consideradas benéficas para a espécie.

Um paraíso reinterpretado

Segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004), há mais ou menos 20 mil anos, alguns grupos, entre os povos paleolíticos, tornaram-se sedentários, enquanto outros migravam seguindo manadas de animais silvestres. Para esses, o modo de vida sustentava-se na concepção matrística tendo como base a colaboração, a ajuda mútua, a não distinção entre gênero, e convivendo em um meio natural no qual se sentia integrado.

Os grupos hominídeos que seguiam os animais silvestres não eram pastores, já que os animais não eram sua propriedade. Não eram proprietários por que não impunham limites à mobilidade desses rebanhos e isso implicava em não restringir o acesso de outros animais, como os lobos, que também se alimentavam desses rebanhos. Essa co-existência, não impondo limites à mobilidade e não restringindo o acesso de outros animais para obter seu alimento, pode ter sido o modo de vida denominado paraíso.

O paraíso entra em regressão quando, conforme asseguram Maturana e Verden-Zöllner, o emocionar da apropriação começa a fazer parte do viver cotidiano desse grupo de homínidas. Desenvolver e basear-se em um contexto de apropriação significa interpor obstáculos restritivos ao acesso dos lobos e de outros comensais às manadas, agora consideradas propriedade particular. Determinam-se uma série de estratégias operacionais com o objetivo de não apenas limitar, mas de negar aos lobos, o acesso ao alimento naturalmente considerado seu.

Negar aos lobos o acesso ao alimento significa levá-los à morte e isso muda o significado de morte. Já não se reduz a tirar a vida de um animal para servir de alimento, pelo qual, “o caçador realiza um ato sagrado, próprio das coerências do viver no qual uma vida é tirada para que outra possa continuar” (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 54). No novo contexto de matar, distinto do primeiro “aquele que mata o faz dirigindo-se diretamente à eliminação

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

da vida do animal que mata” (Idem, p. 55). Já não significa tirar uma vida para que outra possa continuar existindo, mas exterminar uma vida para garantir uma propriedade. O imaginário criado é completamente diferente, pois a vida tirada do animal, é tirada porque se constitui uma ameaça a uma nova ordem, artificialmente concebida. No lugar do sentimento de gratidão surge o sentimento – uma emoção – de orgulho, exibir o animal assassinado.

Com base nessa concepção, Maturana e Verden-Zöller fazem uma distinção entre caçar (considerando caçar como a morte de um animal reconhecido como amigo por permitir a continuidade do viver) para matar ou assassinar (quando, no ato de matar existe a concepção de que o animal morto é uma ameaça e, portanto, um inimigo).

Ao matar, o “macaco caçador assumiu o papel de carnívoro assassino” (MORRIS, 2001, p. 31). Inaugura-se uma nova forma de viver, pautada na destruição, para assegurar a defesa da propriedade, impedindo o livre acesso de outros animais à manada apropriada. Essa nova concepção rompe com a ordem natural da cadeia alimentar. Como resultado dessa relação de apropriação e de exclusão, surge um clima favorável à inimizade, à guerra, a estruturas hierárquicas e, conseqüentemente, estruturas de subordinação, ou seja, relações de poder e de obediência. A anterior relação de confiança, dinâmica e harmoniosa, existente entre integrantes da mesma espécie e mesmo integrantes de outras espécies, passa a ser de desconfiança, alimentada pelo desejo de dominação e controle.

Com base nesse modo de viver, que passa a ser conservado de geração em geração, a agressividade torna-se uma ação que nega aos lobos o acesso normal à manada. Juntamente com a agressão da negação de acesso, surge a agressividade da busca por segurança, antes desnecessária. No cenário dessa agressividade, por busca de segurança, interpõe-se igualmente o estado de insegurança. Insegurança que tem como base primordial o aumento de ações de proteção à manada/animais/propriedade, diante da investida por parte de lobos e outros carnívoros. Nesse ambiente de insegurança, a antípoda segurança, somente se realiza com a total exclusão - morte - dos lobos.

O ambiente de harmonia, diante do estado de insegurança e diante da necessidade de garantir diuturnamente a segurança, cria a emoção da inimizade. A inimizade implica o desejo em negar a existência de um outro e, como conseqüência, os então instrumentos de caça se transformam em instrumentos a serviço da morte do considerado inimigo. Esse novo modo de viver numa relação de inimizade para com os lobos e outros comensais da manada apropriada, presente, inicialmente, entre os homens caçadores e responsáveis pela defesa, passou a ser aprendida pelas crianças e pelas mulheres.

Consolida-se um novo modo de viver, um círculo no qual a forma das relações e das conversações entre os diversos integrantes do grupo homínida encontram prioridade na linguagem da apropriação, da inimizade, da defesa e

da agressão. Sendo a inimizade, a apropriação e a agressão características de um novo modo de viver, e tendo a proteção de um rebanho como justificativa, ela também se transferiu para outras esferas que passam a integrar o modo de viver dos homínidas. Entre outras, destacamos a defesa de idéias particulares, a defesa de verdades ou crenças consideradas absolutas, a defesa da ordem, a defesa da hierarquia e a defesa do poder. Essas defesas transformam-se em portas abertas para o fanatismo, a agressão sem limites e a pré-disposição para a guerra.

Na relação de insegurança e conseqüente busca de segurança, via extermínio do considerado inimigo, cria-se a emoção – sentimento – do medo e uma conseqüente reação de obediência. Na cultura da apropriação, transferida para todos os integrantes do grupo de homínidas, o novo modo de vida passa a girar em torno da insegurança e da busca da segurança, da inimizade e da eliminação do inimigo, do exercício do poder sobre a vida de um outro e do temor e da obediência como forma de permanecer vivo.

No mundo das conversações entre os integrantes do grupo encontra estado de permanência o discurso de autoridade e subordinação, poder e obediência, amizade e inimizade, exigência e controle. No imaginário dos homens, mulheres e crianças encontra receptividade a imensidão constante de uma ameaça temível e sedutora, que se torna o suporte para autoridades arbitrárias e invisíveis. Assim, muda a mística da relação entre os integrantes do grupo de homínidas. Muda a mística na relação desses homínidas para com a natureza e o universo cósmico. A subordinação a uma autoridade arbitrária, visível ou invisível, implica na negação de si mesmo, porque agora submisso a esse poder.

Consumada internamente entre os integrantes do grupo de homínidas e, externamente para com a natureza, uma relação de submissão e obediência à autoridade, a concepção de apropriação sente a necessidade da expansão. Ampliar os rebanhos implica ampliar os domínios territoriais, e isso implica a possibilidade do surgimento de conflitos com outros grupos de homínidas. Se até então, o espírito da agressão estava basicamente voltado contra os lobos e outros animais carnívoros, em defesa da manada considerada propriedade, agora ela se volta para fora e contra integrantes de outros grupos, membros da mesma espécie. Nesses conflitos, a guerra, a pirataria, a dominação política e mesmo a escravidão, tendo como base a noção expansionista de novos domínios e propriedades, configuram-se as características das relações entre grupos distintos.

Esse modo de viver concebe-se cada vez mais com características de ser natural. A apropriação pelo uso da força torna-se um legado considerado legítimo. Da mesma forma que os lobos foram, originalmente, excluídos do legítimo acesso aos rebanhos que lhes serviam de alimento, agora, seres pertencentes à mesma espécie são impedidos de acesso aos bens naturais. A agressão intra-espécie, sob o lema da guerra, reduz as alternativas ao estreito

limite do controle e domínio ou da destruição e extermínio. No conflito intra-espécie, o mundo das idéias e das crenças, não somente assegura a legitimidade dos títulos de propriedade, mas também concebe a defesa legítima das posses de cada indivíduo sobre sua propriedade particular.

As relações entre os homínidas, membros de uma mesma espécie, passam a ser estabelecidas na defesa do que se concebe como correto e incorreto, do que se concebe como legítimo e ilegítimo, aceitável e inaceitável, verdadeiro e falso. A identidade da espécie já não se caracteriza pelo pertencimento a uma mesma espécie, mas passa a existir centrada na apropriação e na concepção das posses.

A identidade centrada na apropriação assume a posição de contrapor-se a todas as outras formas de viver cujos fundamentos lhe são contraditórios. Em defesa dessa identidade, desse seu modo de vida e de suas crenças, concebidas como absolutas e únicas, os homínidas fecham-se de forma hermética a outras possibilidades. O fechar-se em pensamentos únicos exige a negação de outras formas de viver ou mesmo de sistemas de crenças, e os grupos que os cultivam são concebidos como inimigos.

Maturana e Verden-Zöllner discordam das teses que sustentam ser a agressão inerente à natureza humana. Para eles, a luta entre o bem e o mal, o viver em agressão não integra as características da natureza biológica dos seres humanos. Eles afirmam discordar “não por pensar que o ser humano, em sua natureza, seja pura bondade ou pura maldade, mas porque consideram a questão do bem e do mal não como algo biológico e sim cultural.” Maturana e Verden-Zöllner continuam com a força de um alerta: “Esse conflito em que nós, seres humanos patriarcais modernos, vivemos, nos dobrará com sofrimentos e por fim nos destruirá, a menos que o resolvamos” (2004, p. 106).

Natureza da humanidade: boa ou má

Natureza humana, boa ou má, continua uma questão polêmica. Muitos são os que afirmam que o ser humano é bom em oposição aos que o consideram mau por natureza. Existem também os que sustentam, com suficiente convicção, que o ser humano é ao mesmo tempo bom e mau. Existem ainda os que defendem a tese de que o ser humano não é nem uma coisa nem outra e, o que determina suas atitudes são as circunstâncias às quais ele é submetido.

Para filósofos gregos, a essência do humano é ser um animal racional, social e diferente dos demais. Com o passar do tempo, essa forma de pensar começa a ser questionada. Maquiavel (apud BURNS, 1971, p. 413), via a natureza humana com certo cinismo e afirmava “que todos os homens são movidos exclusivamente por interesses egoístas, em particular pela ambição de poder pessoal e prosperidade material.”

Para os iluministas:

Não existe pecado original. O homem não é congenitamente depravado, mas levado a cometer atos de crueldade e de baixeza por padres intrigantes e déspotas belicosos. A infinita perfeitabilidade da natureza humana, e, portanto da própria sociedade, seria facilmente exequível se os homens tivessem a liberdade de seguir as diretrizes da razão e dos instintos inatos (BURNS, 1971, p. 550).

Na antropologia relativista, afirma-se que o ser humano nada mais é do que o resultado de padrões culturais que modelam e regulam seus procedimentos. Ambas as hipóteses fazem parte do esforço do ser humano na busca incessante para entender a sua natureza. A inquietação dessa busca e indefinição o acompanha desde a sua origem, e os caminhos percorridos, na evolução, debatem-se constantemente em torno do mesmo obstáculo, ou seja: definir a natureza do ser humano.

Fromm (1981, p. 129) problematiza: “esse dilema não é solucionado por ‘definições’ do homem como a de ser ele um animal político (ARISTÓTELES), um animal capaz de prometer (NIETSCHE).” Essas, segundo Fromm, são definições que exprimem qualidades essenciais do ser humano, mas não se referem à sua essência. Fromm afirma que o ser humano é um ser que continua sujeito a uma “contradição inerente à existência humana” (1981, p. 129).

A concepção mais pertinente é que o ser humano não é bom – *Homo sapiens* – nem mau – *Homo demens* - mas que ele está sujeito a um processo de contradições inerentes a seu cotidiano de convivências sociais enquanto ser humano.

Fromm salienta a necessidade “de encontrar uma nova harmonia, não pela regressão, mas pelo pleno desenvolvimento de todas as forças humanas, da humanidade dentro de cada um” (1981, p.132). Para ele, existem duas possibilidades ao ser humano, e o mérito das mesmas está na capacidade de escolha entre uma e outra: regredir ou avançar. Porém, “não se pode negar que todo homem avança na direção por ele escolhida: a da vida ou da morte, a do bem ou do mal” (FROMM, 1981, p. 24).

Mais recentemente, Peter Sloterdijk, em seu famoso discurso em Elmau – Alemanha, 1999 – sobre a evolução da espécie, anuncia que o “humanismo naufragou como escola de domesticação humana”. Os apelos à racionalidade e à responsabilidade moral têm sido notoriamente ineficazes no controle dos conflitos humanos. Para Sloterdijk, a indefinição do ser humano tem profundas raízes antropológicas e nele se constata uma “imaturidade animalesca crônica”. Afirma Sloterdijk (2000, p. 34):

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

O ser humano poderia até mesmo ser definido como a criatura que fracassou em seu ser animal (*TIERSEIN*) e em seu permanecer-animal (*TIERBLEIBEN*). Ao fracassar como animal, esse ser indeterminado tomba para fora de seu ambiente, e com isso ganha o mundo no sentido ontológico.

Similarmente se manifesta Morin (2000, p. 36): “O homem surgiu marginalmente no mundo animal, e seu desenvolvimento marginalizou-o ainda mais.”

Todos os seres humanos e também os animais trazem consigo um impulso agressivo. Isso implica dizer que a agressividade não é um traço particular de personalidade. Trata-se de um comportamento emocional, cuja tendência é atacar ou provocar. Um comportamento que pode manifestar-se em atos agressivos e expressões de raiva. Esses atos podem resultar de desvios de outros sentimentos como mágoa e insegurança. A agressividade é influenciada também pelo meio, o que implica admitir uma diversidade de manifestações, variando entre sociedades e culturas. As distintas manifestações da agressividade têm relação com o código cultural, encontram suporte nas crenças e mesmo na legislação estabelecido em cada sociedade. O que numa comunidade cultural é considerado agressão, em outra pode não ser entendida como tal.

Na cultura patriarcal do ocidente, baseada na apropriação e conseqüente competição, a agressividade é muitas vezes identificada com empreendedorismo, iniciativa e ambição.

“O primata mais perigoso do planeta”, é o registro de um letreiro no zoológico de Bronx, em Nova Iorque (MATURANA e VARELA, 1995). Ao olhar por entre as grades, vemos o nosso próprio rosto.

Segundo Sloterdijk (2000), a forte tendência bestializadora de seres humanos encontra suas raízes entre os romanos com suas arenas, seus anfiteatros, açulamento de animais, combates até à morte entre gladiadores e todo o ritual de oferta de espetáculos de execuções. Nas arenas, ou nos hoje cenários similares, vocifera de forma des-inibidora um *Homo inhumanus* que se diverte e se fascina no entre-jogo dos espetáculos agressivos. Diz-nos Sloterdijk (2000, p. 18): “Durante a época do império, a provisão de fascínios bestializadores para as massas romanas havia se tornado uma técnica de dominação indispensável, rotineiramente aprimorada que graças à fórmula ‘pão e circo’ de Juvenal, persiste até hoje na memória.”

Thomas Hobbes defendeu a concepção de que o homem vive em constante estado de guerra com o próprio homem e, que a vida é uma luta competitiva pela sobrevivência.

Para Huxley, a “luta pela sobrevivência”, defendida por Darwin, implica

conceber o planeta como uma arena na qual sobrevive o mais forte e o mais astuto. Para Huxley, o mundo animal é uma luta de gladiadores, e nessa arena de combates consolida-se a construção das concepções de bem e de mal. O bem é fruto da cultura predominante, e o mal é fruto de motivações ocultas e fora do controle das pessoas.

Hegel (1992), quando analisa a dialética do senhor-escravo, tem como princípio a concepção de que a dinâmica dos relacionamentos humanos encontra sustento na confrontação competitiva. Essa brutal conclusão de Hegel é expressa por Kojève (Apud, ASSMANN e SUNG, 2000, p. 203): “Por isso a existência humana, histórica e autoconsciente, somente é possível onde há ou – ao menos – houve lutas sangrentas, guerras pelo prestígio.”

Coda: o presente da esperança

Se a agressão é efetivamente inata aos seres humanos, então parece haver pouca esperança para a nossa espécie. Porém, outras teses também foram concebidas. Para Rousseau, o ser humano é naturalmente pacífico e bom, no seu estado primitivo, mas a civilização o corrompe e o torna agressivo. Muitas são as manifestações de não reconhecimento da existência de uma “*agressividade inata*”. É para essas concepções que a educação passa a ser uma contribuição fundamental para a formação e construção de condutas, minizando a agressividade.

Para além dos princípios competitivos, como fundamentos dos relacionamentos humanos, convém estender olhares de reconhecimento baseados na reciprocidade. Reciprocidade como cultura primária, resultante dos selos da cultura familiar, das atividades educacionais das escolas, da convivência com grupos de amigos, com grupos universitários e oriundos de ambientes profissionais.

Independente da existência de condicionantes biológicos e culturais do comportamento agressivo nos humanos, cresce o consenso de que o ambiente de inserção, a educação, as tensões sociais também influenciam numa maior ou menor tendência para comportamentos agressivos. Todos esses fatores não são, certamente, indelévels e nem totalmente apagáveis, mas não são determinantes. Quanto mais compreendermos a natureza de nossos impulsos agressivos, tanto mais poderemos contribuir para sua re-orientação. Isso permite admitir que os comportamentos podem ser revistos, podem ser reformulados e superados.

A educação tem o compromisso de contribuir com a construção de condutas que permitem, não um controle absoluto da agressividade, mas a sua minimização, permitindo a convivência em sociedade. É importante minimizar a desconfiança entre grupos e promover contatos pessoais entre indivíduos de diferentes nações, diferentes classes, diferentes culturas e diferentes partidos.

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

É importante dar credibilidade para a existência de uma disposição para a luta, em certas circunstâncias, e não de luta como algo necessário no modo de vida.

Os problemas trazidos para a humanidade, frutos da agressão, são graves e clamam por urgências. A história humana se escreve, em grande parte, pelas coisas terríveis que tribos, raças e nações fizeram umas contra as outras. No presente, os meios de comunicação trazem em seus noticiários outros tantos aspectos terríveis, conseqüências da agressividade violenta e cruel. São problemas políticos, religiosos, econômicos e militares, quase que insolúveis, manifestando a hostilidade entre comunidades, sem esquecer que a sobrevivência da espécie humana é ameaçada pela existência de armas nucleares, químicas e bacteriológicas.

Podemos dizer com Giannetti (1993, p. 187): “o século XX foi pródigo não apenas em alertas amargos sobre a fragilidade da civilização, mas também em lições contundentes sobre a precariedade de todas as tentativas de ‘corrigir’ a natureza humana por meio de algum tipo de engenharia do caráter.” Suspeita-se da existência de motivações ideológicas, sustentando teorias, segundo as quais, certas formas comportamentais dos seres humanos, como a agressão e a competição, sejam inatas. Nelas, certamente reside o perigo de serem utilizadas para justificar como naturais, ou então, como inevitáveis os comportamentos agressivos, o domínio masculino, as guerras e mesmo os sistemas econômicos competitivos.

Ainda assim, e apesar do negativismo estampado na civilização, é conveniente retomar e parafrasear Teilhard de Chardin (1999): o progresso de uma civilização se mede pelo aumento da sensibilidade para outro.

Há algo no ser humano que, para muito além das apostas conflitivas, caracteriza-nos como seres desejando a convivência com outros seres humanos. Essa é a trilha do amor que necessariamente acena para aspectos da sociabilidade e da solidariedade. É nesse algo a mais que reside o sonho de um ambiente social de felicidade insistentemente compartilhado com outros.

Uma convivência que, para Maturana (1998, p. 96), iniciou na África há cerca de três milhões de anos.

O que sabemos de nossos ancestrais que viveram na África há três milhões e meio de anos indica que tinham um modo de viver centrado na coleta, no compartilhar alimentos, na colaboração de machos e fêmeas na criação das crianças, em uma convivência sensual e em uma sexualidade de encontro frontal.

O que tornou possível essa convivência foi o fundamento básico do emocionar-se dos primatas e dos mamíferos. Diz Maturana (1997, p. 46): “A emoção que torna possível essa convivência é o amor, o domínio de ações que

constitui o outro como legítimo outro na convivência.” E completa dizendo:

Emocionar, em cuja conservação se constitui o humano ao surgir a linguagem, centra-se no prazer da convivência, na aceitação do outro junto a nós, ou seja, no amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações no qual aceitamos o outro na proximidade da convivência. Sendo o amor a emoção que funda a origem do humano, e sendo o prazer do conversar nossa característica, resulta em que tanto nosso bem estar como nosso sofrimento dependem de nosso conversar (MATURANA, 1997, p. 175).

Podemos criar em nossas vidas um mundo de interações que permite uma disposição estrutural que aceite o outro na convivência. Para fazê-lo é necessário inventar procedimentos e condutas para que a aceitação seja possível. Se, no espaço das relações, não existir a interação da aceitação, para formar um espaço de convivência, vai haver predação e o outro será negado.

Então podemos afirmar que educar é recomeçar. Esse re-começo, reconceituado e a re-invenção do significado de bem viver, torna-se mais relevante se reconhecermos que, nos vastos bolsões da miséria, milhões de vidas humanas clamam por ambiências de aceitação mais dignas, reciprocidade afetiva e vivências concretas da não diferença e da não exclusão. De forma radical é preciso perceber que nem tudo, na complexa organização da vida humana, se reduz ao confronto e ao desejo competitivo. A aceitação do outro como legítimo outro, torna possível uma ecologia de convivência.

A esperança, no contexto dos impasses, está na não neutralização da mutilação ideológica e na não aposta de que a perspectiva acolhedora e as alianças já estejam extintas. Requer-se uma profunda revisão do rol de concepções antropológicas e éticas que ratificam ser nossa agressividade puramente instintiva. Isso implica a criação de aberturas e de possibilidades para a retomada de atividades significativas rumo a éticas de qualidade de vida e de metas de solidariedade.

Enfim, um ser humano indefinido, indeterminado, não convocável facilmente para convivências solidárias (STRIEDER, 1999). Um ser humano oscilando entre o *Homo sapiens sapiens* e o *Homo demens* e, conforme refletiram Strieder e Pilla (2002, p. 294/295):

Creemos que os *Homo demens* – misantropos – e os *Homo sapiens sapiens* – antropos - sabem que se entre-traduzem, se entre decidem, se entre-produzem e se entre-destroem perpetuamente. É importante saber que quem se questiona sobre a educabilidade, o futuro da humanidade e as possibilidades de humanização alimenta essencialmente o desejo de saber se ainda

Educação e agressividade humana: um tema aberto! Entre!

subsiste alguma esperança para minimizar as atuais tendências embrutecedoras entre os seres humanos.

Assim, não alimentamos nenhuma esperança ingênua e, com o objetivo de evitar mal entendidos, não sonhamos, por melhor que seja a competência educacional, com uma sociedade absolutamente altruísta. A história evolutiva humana nos mostra que certa dose de concorrência faz parte do princípio organizador da sociedade. A famosa fábula das abelhas de Mandeville (GIANNETTI, 1993), descreve a inércia e a in-operância de uma sociedade na qual todos são altruístas. Em nossas sociedades, amplas e complexas, isso não seria funcional e nem possível. Ambição, competição, competência, mas também solidariedade são ingredientes importantes quando se deseja fazer valer o bem-comum e a justiça social.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BURNS, E. M. **História da civilização ocidental: dos homens das cavernas até a bomba atômica, o drama da raça humana.** 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1971.
- CHARDIN, T. de. **O fenômeno humano.** São Paulo: Cultrix, 1999.
- FROMM, E. **O coração do homem: seu gênio para o bem e o mal.** 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- GIANNETTI, E. **Vícios privados e benefícios públicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ARENDT, H. **Sobre a violência.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito.** (Parte I) 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LORENZ, K. **A agressão: uma história natural do mal.** Lisboa: Relógio D'Água, 2001.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento.** Campinas/SP: Ed. Psy II, 1995.
- MATURANA, H. **Da biologia à psicologia.** 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano.** São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita.** Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2000.
- MORRIS, D. **O macaco nu: um estudo do animal humano.** 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Roque Strieder - Kelli Negri

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1. São Paulo: Difel, 1985. v. 2.

SLOTERDIJK, P. **Regras para o parque humano**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

STOCZKOWSKI, W. **Antropologia ingênua antropologia erudita**. Lisboa: Instituto Piaget. 1999.

STRIEDER, R. A frágil pré-disposição humana para a solidariedade. **Visão Global**, São Miguel do Oeste, ano 3, n. 7, março/1999.

STRIEDER, R.; PILLA, C. **Dos misantropos aos anthropos**: rumo à humanização. São Miguel do Oeste: UNOESC, 2002. (Relatório de Pesquisa: CNPq/FAPE).

VIRGEM. 2005. Disponível em: <http://horoscopo.clix.pt/astrologia/virgem/71426.html>. Acesso em: 28 de fev./2005.

Notas

1 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3110200406.htm>, acesso em 31/10/2004.

Correspondência

Roque Strieder - Av. Cerro Largo, 186 - Centro - 89898-000, Tunápolis – SC.
E-mail: strieder@unoescsmo.edu.br

Recebido em 26 de julho de 2006

Aprovado em 23 de novembro de 2006